

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
AS FERRAMENTAS PARA COMPREENSÃO DE UM TEXTO

Charleston Chaves (UERJ)

INTRODUÇÃO

Quais são os pressupostos para que um texto seja possa ser compreendido? O que possibilita ao leitor a capacidade de dialogar com um texto? A partir da década de 60 surgiu uma corrente lingüística preocupada com o texto, porque já não se satisfazia mais com a gramática da frase ou da palavra (Fávero & Kock: 2002: 11): a lingüística textual. É bem verdade que há dois aspectos imprescindíveis para a compreensão de um texto: o saber lingüístico e o saber enciclopédico.

Um desses aspectos, que é o saber enciclopédico (de mundo), certamente é imprescindível para compreender um texto, mas não o único. De nada adianta conhecimento enciclopédico se o leitor não domina as ferramentas necessárias para reconhecer os encadeamentos sintáticos que possibilitam a compreensão textual.

Partindo do princípio em relação ao conhecimento de mundo, é necessário observar o texto abaixo:

Para os economistas, considerar o consumo como um princípio organizador do sistema não é novidade. Já no plano filosófico e cultural, o consumismo tem sido alvo de análise mais críticas e pessimistas, principalmente a partir da “revolução” hippie dos anos 60. Janis Joplin pedia então a Deus que lhe providenciasse um Mercedes Bens. “All my friends have Porsches” justificava a humorada canção de protesto.

O fato é que, mesmo desdenhado dos valores de consumo, estamos metidos nele. O Porshe psicodélico de Janis Joplin está atualmente no saguão de entrada de uma exposição no Museu de Arte Moderna de S. Francisco. (Schuwarts, 2000)

Nota-se que nesse texto, há uma série de pré-requisitos para compreensão do mesmo. Um deles é a menção que se faz à revolução *hippie dos anos 60*. O autor parte do princípio que o seu leitor deva compartilhar do conhecimento prévio de saber o que representou tal movimento e que por isso há uma crítica ao consumismo, ainda mais na figura da cantora Janis Joplin, um dos maiores ícones de tal movimento. Além disso, a referência à exposição em museu do Porshe da canção é um comentário que está revestido de crítica, mas que só é percebida por conta do conhecimento enciclopédico, já que a cantora, símbolo do movimento que criticava o consumismo desenfreado motivado pelo capitalismo, rendeu-se

ao próprio consumismo, reforçado pelo comentário do próprio autor no trecho “*O fato é que, mesmo desdenhado dos valores de consumo, estamos metidos nele*”.

Entretanto, o que propicia um amplo conhecimento dessas relações semânticas, dessa construção de sentido são certos elementos linguísticos. Um exemplo disso é a utilização do conectivo “já” em “*Já no plano filosófico e cultural*” que contextualmente inicia uma construção frasal que possui valor de aposição ao que havia sido dito anteriormente e quem proporciona tal aspecto é justamente o vocábulo em questão, claramente com função textual de conectivo adversativo, semelhante à conjunção adversativa “mas”. E esse fator é imprescindível para entendimento do texto, porque introduz a referida crítica ao consumismo. Outro fator importante é a construção “mesmo desdenhado ...” que está no início do segundo parágrafo. Tal construção possui valor concessivo, assemelhando-se à forma desenvolvida com conjunção – *mesmo que se desdenhe*. O reconhecimento desse valor concessivo por parte do leitor é fator determinante para que compreenda o exemplo apresentado posteriormente e que respalda a crítica feita à impossibilidade de se desvincular completamente do consumismo (tema central do texto).

Percebe-se, então, que esses elementos que compõem o tecido textual são importantíssimos para a articulação do mesmo e possibilitam que o leitor possa perceber com mais segurança os sentidos inerentes ao texto.

ABORDAGEM TEÓRICA: GRAMÁTICA TEXTUAL

O estudo das gramáticas textuais possibilita um grande número de recursos para compreensão textual, afinal de contas o leitor que domina tais recursos tem a competência maior de dialogar com maiores condições com o texto. É na década de 60, na Europa, que surge o estudo das gramáticas textuais, porque a gramática da frase já não supria todas as necessidades para identificação do sentido textual. Segundo Oliveira (2005: 46), passou-se também a chamar-se, na mesma época, gramática textual de linguística textual. A rigor querem referir-se ao mesmo fato, ou seja, que os aspectos linguísticos precisam ser explicados textualmente e não por meio de frases se contexto.

Assim, diversos fenômenos devem ser levados em consideração. Ainda que o saber enciclopédico seja também pré-requisito, o saber lin-

güístico é do mesmo modo primordial para reconhecer certos elementos no tecido do texto, que possibilitam coerentes compreensões.

Dentre esses mecanismos textuais estão os conectivos, sobretudo as conjunções, que estabelecem um elo sintático, só que impregnado de carga semântica contextual, orientando o leitor a tirar certas conclusões, sabendo que cada trecho avaliado faz parte de um conjunto, uma superestrutura que, se bem construída, fornecerá margem para ampla leitura.

É bem verdade que não só as conjunções são foco para análise das gramáticas do texto. A lingüística textual também está interessada em recursos anafóricos, a repetição, uso de artigos definidos e indefinidos e seus respectivos valores contextuais, entre outras características. Entretanto, aqui o enfoque escolhido será o estudo dos conectivos como ferramentas para compreensão textual, ou seja, para se distinguir a diferença de uso de uma adversativa e de uma concessiva ou como uma mesma conjunção (ou locução conjuntiva) possui valores diferentes, por conta de empregos distintos, e isso é primordial para se chegar a um resultado satisfatório de leitura. Paralelamente a isso, o valor semântico das preposições, dos verbos e dos advérbios muitas vezes auxiliará o processo, visto que são também ferramentas muito úteis. São justamente essas e outras ferramentas que possibilitam o reconhecimento de certos valores no *corpus* textual ou prejudicam tal conhecimento quando o leitor não é capaz de perceber as relações sintático-semânticas existentes em diversas construções.

A Lingüística Textual surge a partir de três pressupostos: o da análise transfrástica, o da construção das gramáticas textuais e o da construção das teorias do texto (Fávero & Kock, 2002: 13). E é bem verdade que isso ocorre porque a gramática da frase não consegue dar conta de uma série de fenômenos lingüísticos, só passíveis de serem analisados pela gramática do texto. Muitas relações textuais como substituições, omissões, redundâncias, encadeamentos, entre outros aspectos são estudados pela gramática textual e ampliam o significado do texto. É nesse ínterim que surge a importância de valorizar certas ferramentas – preposições, conjunções, advérbios – que promovem encadeamentos, “costuram” os elementos textuais, dando sentido aos mesmos.

OS CONECTIVOS E AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

Segundo Leonor Fávero e Ingedore Kock (2002: 47-49), os textos argumentativos obrigam o leitor (teoria defendida por Ducrot e Weinrich) a perceber certas pistas para que se chegue a determinadas conclusões. Para tal análise, “o valor semântico de uma frase argumentativa contém, entre outros elementos, o conjunto de instruções concernentes às estratégias a serem seguidas para a decodificação de seus enunciados.” (Fávero & Kock, 2002: 48). São justamente essas estratégias que devem ser dominadas pelo leitor, que foram especificamente construídas, por exemplo, com certos conectivos que fornecem não só progressão ao texto, como também valores semânticos, dentre deles: *mas, embora, já que, logo, entretanto, pois, e*, dentre tantos outros possíveis. Importante saber que esses conectores podem ligar tanto frases como até mesmo parágrafos. Além disso, os valores não são dispensáveis, pensando o texto como uma unidade de sentido.

É fundamental observar como isso se constitui. O texto abaixo possui uma série de certos conectores que exercem papel imprescindível na linha argumentativa.

Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter truncado da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência. (*Folha de São Paulo*, 1994: 2)

Percebe-se que no texto em questão, os conectivos possuem caráter relevante para se compreender o que está sendo “dito”. Um exemplo disso é o reconhecimento do comparativo *muito mais / do que*, com a notória presença da conjunção comparativa QUE. Nesse caso, o leitor que domina e percebe tal recurso linguístico tem possibilidade de compreender que a “persistência de segmentos” no setor agrícola brasileiro é menos importante que os problemas que se referem “à diversidade de impactos causados pelo caráter truncado da modernização”, ou seja, os problemas da agricultura resultam muito mais da inadequação (“caráter truncado”) do processo de modernização dos setores.

Observa-se também que há um caráter hierárquico dos problemas no setor agrícola brasileiro promovido pelo uso do grau comparativo de superioridade *mais / do que* e que não pode ser lido de outra forma, com a penalidade de resultar prejuízo de sentido.

E não é só isso. A linha argumentativa se solidificou na progressão do texto com o conectivo SE. Embora tal conectivo esteja revestido semanticamente de valor condicional, na verdade, a oração que ele inicia – “*Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados*” – é consequência do que se enuncia posteriormente – “*isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização*” –, isto é, a existência de milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados (efeito) possui um motivo (causa), que é por conta da natureza do próprio processo de modernização do setor (“caráter truncado” / inadequado). Reconhecer isso é de suma importância no texto para o processo – leitura, ainda mais quando o autor estabelece mais um eixo comparativo de superioridade (“muito mais” / “do que”) afirmando que a natureza inadequada do processo de modernização é mais importante dentro desta CAUSA do que à “suposta falta de abrangência” no setor agrícola. Nota-se, então, que a linha argumentativa precisa se estruturar, embasada em certos elementos lingüísticos.

Ainda na linha de estudo das estruturas argumentativas, pode-se argumentar que um mesmo termo ganha nuance semântica distinta e, por isso, é necessário perceber e fazer distinção. É interessante observar o texto que se segue:

Cinzas da Inquisição

(Trecho)

.....

3 Calar a história da Inquisição, como ainda querem alguns, em nada ajuda a história de instituições e países. Ao contrário, isto pode ser ainda um resquício inquisitorial. E no caso brasileiro essa reavaliação é inestimável, porque somos uma cultura que finge viver fora da história.

4 Por outro lado, estamos vivendo um momento privilegiado em termos de reconstrução da consciência histórica. Se neste ano (1987) foi possível passar a limpo a Inquisição, no ano que vem será necessário refazer a história do negro em nosso país, a propósito dos cem anos da libertação dos escravos. E no ano seguinte, 1989, deveríamos nos concentrar para rever a “república” decretada por Deodoro. Os próximos dois anos poderiam se converter em um intenso período de pesquisas, discussões e mapeamento de nossa silenciosa história. Universidades, fundações de pesquisa e os meios de comunicação deveriam se preparar para participar desse projeto arqueológico, convocando a todos: “Libertem de novo os escravos”, “proclamem de novo a República”.

5 Fazer história é fazer falar o passado e o presente criando ecos para o futuro.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

6 História é o anti-silêncio. É o ruído emergente das lutas, angústias, sonhos, frustrações. Para o pesquisador, o silêncio da história oficial é um silêncio ensurdecedor. Quando penetra nos arquivos da consciência nacional, os dados e os feitos berram, clamam, gritam, sangram pelas prateleiras. Engana-se, portanto, quem julga que os arquivos são lugares apenas de poeira e mofo. Ali está pulsando algo. Como num vulcão aparentemente adormecido, ali algo quer emergir. E emerge. Cedo ou tarde. Não se destrói totalmente qualquer documentação. Sempre vai sobrar um herege que não foi queimado, um judeu que escapou ao campo de concentração, um dissidente que sobreviveu aos trabalhos forçados na Sibéria. De nada adiantou aquele imperador chinês ter queimado todos os livros e ter decretado que a história começasse com ele.

7 A história recomeça com cada um de nós, apesar dos reis e das inquisições.(SANTANA:1989:196-198)

Neste texto, há utilização do conectivo ‘como’ nos trechos “Calar a história da Inquisição, como ainda querem alguns...” e “Como um vulcão aparentemente adormecido, ali algo quer emergir”, só que com valores textuais distintos. No primeiro trecho, percebe-se o valor conformativo e no segundo um valor comparativo. Além disso, no mesmo texto, se for feita uma análise minuciosa do terceiro parágrafo, por exemplo, o uso de certos conectivos são necessários para o estabelecimento da coesão e sustentar a coerência textual. A oração “Calar a história da Inquisição” é uma causa, segundo o autor, que resulta em uma consequência – isto pode ser ainda um resquício inquisitorial’, adequadamente encadeado pela expressão “ao contrário” que orienta a sustentação do argumento prévio. Por fim, no mesmo parágrafo cita-se o caso brasileiro e afirma a necessidade de reavaliar o que já ocorreu, apresentando uma causa, introduzida pelo conectivo prototípico causal “porque’ – ‘porque somos uma cultura que finge viver fora da história”.

Para um leitor que não domina a norma culta, sobretudo o reconhecimento de tais valores desses encadeamentos sintáticos, fica com uma leitura fragmentada e difícil de ser feita. O jogo leitor-texto fica pormenorizado ante o não reconhecimento dos valores em tais itens. Não se nega aqui que não seja possível existir coerência sem coesão, discussão já muito bem tratada (Fiorim: 998: 210-211), embora em muitos casos o reconhecimento dessas estratégias coesivas seja de extrema relevância para compreensão de um texto.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OS CONECTIVOS E AS FUNÇÕES TEXTUAIS

Tomando como referência a linha de pesquisa em que os conectivos são importantes semanticamente na estruturação do texto – sabe-se que a omissão de tais conectivos pode ocorrer, só que é interessante que isso seja feito quando não problematizar o sentido (Fávero & Kock, 2002: 42). Esses conectores não são apenas as conjunções / locuções conjuntivas, mas também os advérbios / locuções adverbiais, preposições / locuções prepositivas, além de outros termos com funções textuais como *também*, *inclusive*, *daí*, dentre outros com mesma função.

Conjunções / locuções conjuntivas

Funcionalmente para que servem as conjunções em um texto? Não se pode falar de estudo lingüístico hoje sem falar do valor textual para as pesquisas do idioma, afinal de contas quando se estuda os conectivos é imprescindível mencionar seu uso. Certamente o emprego de conjunções instaura-se em uma necessidade discursiva para promover o encadeamento sintáticos entre os termos que o compõem. Daí resulta o discurso e, por conseguinte, o sentido global do texto, tópicos bastante mencionados por diversos estudiosos como Kock (2001:30), sobretudo referindo-se ao estudo dos operadores argumentativos, termo mencionado por Ingedore Kock por meio do estudo da *Semântica Argumentativa* de Ducrot.

No texto que se segue há comprovação de que o estudo de conjunções, muito mais do que meramente um estudo de gramática normativa, é, sobretudo, textual.

Depois de lotar museus em Londres, Berlim e Bonn, a exposição *O Império Asteca* foi inaugurada no museu Solomon R. Guggenheim, de Nova York, onde poderá ser visitada até fevereiro de 2005. Será montada pela última vez no Guggenheim de Bilbao, na Espanha, antes que as 440 peças voltem para museus mexicanos e americanos, dos quais muitas delas saíram pela primeira vez. O curador da mostra, o mexicano Felipe Solís Olguín, diretor do Museu Nacional de Antropologia do México, expôs os objetos – cerâmicas, imagens de pedra e barro, jóias de ouro, prata ornamentada com turquesa, máscaras enfeitadas com mosaico, instrumentos musicais, utensílios domésticos – em ordem cronológica, de modo que o visitante possa acompanhar a trajetória desse povo desde os primórdios de seu império, no século XIV, até a derrota diante dos conquistadores espanhóis, em 1521. O que atrai tantos visitantes não é apenas a beleza e o valor arqueológico dos objetos – mas, sobretudo, o fascínio e o mistério que envolvem as civilizações perdidas da América. (...) (Menai, 2004)

Um estudo tanto da locução conjuntiva como da conjunção que foram marcadas no texto provam que uma avaliação minuciosa torna a leitura mais proficiente. Na primeira análise, a locução “de modo que” representa a finalidade de terem sido expostas as peças em ordem cronológica para que o visitante “possa acompanhar a trajetória”. Outra análise interessante é da conjunção “mas”, nota-se que não há aqui um “verdadeiro” valor de oposição no uso de tal conectivo. Deve ser observado que “a beleza e o valor arqueológico dos objetos” atraem os visitantes, mas não apenas isso; Nota-se que “o fascínio e o mistério” atraem também, reforçado pelo advérbio “sobretudo”, ou seja, o conectivo “mas” não funciona obrigatoriamente como um contrapositor do que foi dito anteriormente, introduzindo, na verdade, uma informação adicional, só que com um valor especial, mais relevante. Isso mostra que é o estudo da gramática textual que vai além da frase e que possibilita, então, uma ampliação dos possíveis sentidos textuais e conseqüentemente suas leituras.

ADVÉRBIOS / LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Outro estudo fundamental é o dos advérbios e o das locuções adverbiais. Esses elementos são excelentes conectores, uma vez que podem exercer funções típicas de conectivos que são “os morfemas que tem por função ligar dois enunciados” (Maingueneau: 1997: 160).

Para Maingueneau (1997: 179), o advérbio “finalmente”, por exemplo, possui a função de “realizar a *conclusão* de um elemento enunciativo”. Portanto, tal termo não pode ser considerado apenas como um advérbio, mas como um conector, já que encadeará o enunciado e orientará o mesmo para uma conclusão. O “então” é outro advérbio que está se gramaticalizando como conectivo. No texto de Manuel Bandeira “Pneumotórax” utiliza o advérbio “então” com valor de “em tal caso” / “em tal situação”:

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
– Diga trinta e três.
– Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
– Respire.
.....{
– O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito in-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

filtrado.

- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(Bandeira, 1973: 52)

Vê-se que nesse caso não funciona apenas como um advérbio, mas como um conector em relação ao que foi dito anteriormente, contri-
buindo, assim, para um encadeamento textual. Não só esses como outros
advérbio e locuções são estudados com tal propósito.

Preposição / Locução Prepositiva

Tanto as preposições como as locuções prepositivas representam
grande importância em um texto e conseqüentemente fator determinante
para a compreensão do mesmo. Norteiam diversos valores semânticos, e,
portanto, passam a serem preponderantes para construção de sentido.

Uma duas vezes por ano, quando o sentimento de culpa fica insuportável,
Jim Hoffmann senta e responde aos e-mails negligenciados de uma meia dúzia
de amigos que ele não vê há séculos. A introdução: “Desculpe, eu sou um pés-
simo amigo”. O executivo de Internet de Nova York afirma que simplesmente
não tem mais tempo para os amigos. Todo mundo, desde os altos executivos
até as donas de casa, parece ter a mesma queixa hoje em dia: as pessoas não
dão mais a mesma prioridade às amizades. (Jeffrey, 2000)

Nesse texto, as preposições “desde” e “até” desempenham impor-
tante papel para compreensão textual, já que o leitor proficiente deverá
perceber que no trecho “desde os altos executivos até as donas de casa”,
há um critério de abrangência que não exclui ninguém, ou seja, até os re-
presentativos da classes mais alta da sociedade até as donas de casa, to-
dos “não dão mais a mesma prioridade às amizades”.

Outro texto que pode nortear essa análise é o que segue:

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 mi-
lhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crian-
ças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água
contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais
em consequência da Aids em todo o mundo. (Peltier, 2002)

Percebe-se que no primeiro período há três ocorrências da prepo-
sição “de”, só que com valores diferentes. Na primeira há um valor de
posse “Estudo do Pacific...”, indicando no corpo do texto de quem é a
pesquisa; em “76 milhões de pessoas”, o valor já representa um aspecto
especificativo, diferentemente da terceira ocorrência que indica *causa*, a-

final de contas no trecho “morrerão de doenças”, as doenças são a causa da morte, valor propiciado pelo uso da preposição em questão. Isso, dessa forma, propicia sem dúvida uma ampliação da compreensão textual.

CONCLUSÃO

Portanto, o reconhecimento de tais aspectos não só comprova que a *gramática do texto* é a mais completa para a compreensão dos fenômenos da língua como também que um texto torna-se mais compreensível quando um leitor domina tais conhecimentos gramaticais. Não é negado aqui que o conhecimento de mundo seja também imprescindível para compreensão textual, mas o domínio de certos fenômenos lingüísticos, certamente, contribuem consideravelmente para tal propósito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCK, Ingedore Villaça. *Lingüística Textual*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

JEFFREY, Nancy Ann. Amigos, quem tem tempo para eles? The Wall Street Journal. **In:** *JB*, 06/04/00

KOCK, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MENAI, Tania. O mundo Sombrio dos astecas. **In:** *Veja*, 20 de outubro de 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Aileda de Mattos. Gramática Textual: um ponto de vista. **In:** *Livro da VIII SENEFIL. Revista Philologus*, ano 10, nº 30 – suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005.

PELTIER, Márcia. **In:** *O Globo*, 21 de outubro de 2002

SCHUWARTS, Gilson. Do consumidor ao cliente. **In:** *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais. 27/02/2000

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SANTANA, Affonso R. de. Cinzas da Inquisição. **In:** *A raiz quadrada do absurdo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 196-198.

VALENTE, André (org.). *Língua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.